

História: refletir sobre o passado não nos vacina contra erros cometidos. Entretanto, nos torna mais humanos

A revista *Politeia: História e Sociedade* lança mais um número, com artigos que atentam para reflexões que têm mobilizado tanto historiadores quanto estudiosos de outras áreas das humanidades. Diante dos problemas políticos, sociais e ecológicos com os quais a humanidade tem se deparado nas últimas décadas, podemos chegar à conclusão de que a história *Magistra Vitae*, em seu encargo de julgar o passado para instruir o presente em benefício do futuro (RANKE), não se mostrou assertiva, posto que diversas realidades com as quais lidamos no passado e que tiveram consequências dolorosas para a humanidade e para o planeta em geral têm sido reeditadas em circunstâncias diversas e com um potencial destrutivo crescente. Miremos os atos de genocídio impingidos, na atualidade, especificamente sobre o povo palestino, atos estes agora protagonizados pela autoridade governamental dos israelenses, os quais, em um passado recente, ocupavam o lugar de vítimas do holocausto. Da mesma forma, nos deparamos com o nacionalismo exacerbado de humanos de determinados grupos que buscam desumanizar outros que chegam às suas portas, depois de terem sido expulsos de seus lugares de origem, tomados por guerras insanas, por fome e desespero.

As histórias parecem repetir, com novos rostos, outras histórias que já pensávamos ter ficado no passado. Há, ainda, o fundamentalismo religioso e a promoção de cruzadas morais contra a liberdade de mulheres, homossexuais e de comunidades religiosas que não professam a mesma fé dos que se julgam detentores da verdade.

Esses e outros exemplos podem ser tomados para que, mais uma vez, nos perguntemos para que serve a História. Vale resgatar a reflexão de Marc Bloch que, diante da morte iminente, recorreu a esta mesma pergunta e, com alguma ironia, deixou como resposta: se a história não servir para nada, “pelo menos entretêm”. Antes, porém, procurou demonstrar que a história está presente em todo o interrogar do passado, o que fazemos de forma necessária para significá-lo.

Os diversos temas trazidos à luz pela presente edição da Revista *Politeia* são fundamentais para refletir sobre o passado, ao menos como um exercício humanístico para lidar com as escolhas do presente. O número inicia com o artigo de Alexandre Bartilotti Machado, “Relações de dependência pessoal no pós-abolição: história e literatura brasileiras a partir de *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado”, que trata das relações de dependência interétnicas no complexo Brasil mestiço, nos anos do pós-

abolição. O autor se detem na biografia do autor do romance e nas informações sobre suas escolhas políticas, além de apresentar reflexões sobre contexto brasileiro dos anos subsequentes à abolição da escravidão no Brasil e sobre as questões de ascensão social, compadrio, racialismo e religiosidade, que Jorge Amado evoca no processo de construção das personagens do seu romance, publicado em 1969.

A seguir, o leitor terá acesso ao artigo de Adão Ferreira dos Santos Filho e Cássio Roberto Borges Silva, “Racismo científico e branqueamento no Brasil Republicano (1889-1930)”, que trata dos dilemas da intelectualidade brasileira e de seus governantes diante das perspectivas negativas engendradas pelo racismo científico. Teorias que permeavam os debates científicos na segunda metade do século dezenove imputavam ao Brasil a condição de país periférico, enquanto a Europa era vista como modelo de desenvolvimento. Nesse contexto, as teorias raciais mais frequentes – como o mendelismo, o lamarckismo, o neo lamarckismo, a eugenia etc – foram abraçadas por setores da intelectualidade e da elite política brasileira, a mostrar como o darwinismo social teve grande penetração nesses grupos, que associavam a possibilidade de progresso na nascente república ao embranquecimento da população.

Priscila Rosa Azevedo e Jorge García Marín, em “Memórias, trajetórias e historicidade do trabalho feminino na feira livre CEASA de Vitória da Conquista-BA”, levam os leitores ao encontro de mulheres trabalhadoras na feira livre, na atualidade conquistense. Com perguntas assertivas, os autores conseguem extrair do universo das trabalhadoras uma análise clara e muito esclarecedora do vivido daquelas mulheres. A partir de respostas coletadas mediante a aplicação de um questionário foram elaborados quadros, nos quais estão consignados a idade, a etnia, o grau de escolaridade e o papel das feirantes na composição da renda familiar etc. Entretanto, os autores não se atêm somente à crueza dos dados. A interpretação, sensível e humanística, traz para o texto não somente os números, mas uma análise dos sonhos, das relações de solidariedade entre feirantes e das reflexões sobre como são tratadas e como gostariam de ser tratadas as mulheres trabalhadoras da feira, seja no ambiente familiar, seja no trabalho, como, também, pelos gestores das políticas públicas.

O artigo de Cleidiane Moraes, “A formação intelectual, moral e física: educar para a vida completa e a emergência do capitalismo”, lança luz sobre as últimas décadas do século dezenove, com foco sobre as opções educacionais que estavam em discussão no Ceará e que mobilizavam intelectuais naquela província. À época foram levantadas questões relacionadas à religião, à moral cristã e à civilidade, bem como ao ensino em tempo integral e modelos educacionais foram pensados com o intuito de garantir uma formação voltada para aquilo que se poderia entender, genericamente, como deveres do homem e do cidadão, por meio da oferta de disciplinas que deveriam estar calcadas no tripé corpo, espírito e moral.

Em seguida, Adil Souza Oliveira apresenta uma reflexão acerca dos Kamakã-Mongoió, grupos indígenas originários da região onde, atualmente, situa-se a cidade de Vitória da Conquista. Com o artigo “A Zona Tampão e a presença dos Kamakã-Mongoyó: das estratégias de dominação colonial às táticas de resistência indígena”, o autor discute a “conquista” do então chamado Sertão da Ressaca,

bem como as formas de resistência indígena. São ressaltados os embates e acordos, os atos de força e contraforça que duraram de 1750 a 1808, e que resultaram na consolidação do domínio invasor somente em 1840.

A sessão de artigos se encerra com o artigo de Joseph Abraham Levi, “Da Europa à Ásia, das Américas ao continente africano: moedas, feiras e bancos nos impérios da Era Moderna (séculos XV-XIX)”. Trata-se de um texto panorâmico, mas demonstrativo de erudição do autor, que toma como ponto de partida a criação de sistemas monetários e de largas malhas de relações comerciais, bancárias e econômicas por diversos grupos humanos, nos seus processos de afirmação enquanto nações. Além de um texto agradável e fluido, o autor oferece uma grande quantidade de imagens que visam ilustrar e complementar, de forma bastante didática, o seu raciocínio sobre moedas, feiras e bancos entre os séculos XV e XIX.

Os artigos que compõem o presente número de *Politeia: História e Sociedade* nos levam a reflexões acerca do passado e são fundamentais para que possamos pensar sobre princípios que movem a humanidade em diferentes temporalidades. Nesse aspecto, se a História não é eficiente como mestra da vida, ela é bastante eficaz como um exercício de empatia e de humanismo que podem nos direcionar para as melhores escolhas.

Ricardo Alexandre Santos de Sousa
Editor Responsável da Revista Politeia: História e Sociedade
Doutor em História das Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz
Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Docente do quadro permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/UESB)

Copyright (c) 2024 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)